

## **O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTOS DE (RE)EXISTÊNCIA DO/NO SLAM**

**Magna Leite Carvalho Lima<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Socialmente, os movimentos de (re)existência tiveram suas forças postas em variadas formas de linguagem. Consequentemente, as práticas de letramentos nas mais diversas culturas e as discussões sobre suas particularidades nos fazem analisar como os discursos circulam a partir da relação que se estabelece entre o lugar e a posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política e econômica. O letramento tomado como prática social pode circular tanto dentro do campo da oralidade como da escrita, dentro ou fora da escola. No caso deste artigo, as práticas que circulam fora da escola são as que mais nos interessam. Dessa forma, nosso objetivo é, a partir de conceitos advindos da análise de discurso (AD) de linha francesa pecheutiana, analisar, especialmente, a constituição, a formulação e a circulação dos chamados letramentos de (re)existência. Além disso, pretendemos observar como os efeitos de sentido e as discursividades funcionam no *slam*, identificar como são significados os letramentos de (re)existência bem como refletir sobre seus contextos político, econômico e social. Dentro dessa perspectiva, consideramos que a constituição, a formulação e a circulação dos discursos acontecem dentro de uma conjuntura que considera a não transparência da língua e os sujeitos como seres simbólicos, que estão inscritos em uma história para significarem-se.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento; (Re)existência; *Slam*; Constituição; Formulação; Circulação.

**ABSTRACT:** Socially, the movements of (re)existence had their forces put in different forms of language. Consequently, literacy practices in the most diverse cultures and discussions about their particularities make us analyze how the discourses circulate from the relationship established between the place and the position that the subjects occupy within the framework of political and economic dynamics. Literacy taken as a social practice can circulate both within the field of orality and writing, inside or outside the school. In the case of this article, the practices that circulate outside the school are the ones that most interest us. Thus, our objective is, based on concepts derived from discourse analysis (AD) of the French Pecheutian line, to analyze, especially, the constitution, formulation and circulation of the so-called (re)existence literacies. In addition, we intend to observe how the effects of meaning and discursivities work in the slam, identify how the (re)existence literacies are meant and reflect on the political, economic and social context. Within this perspective, we consider that the constitution, formulation and circulation of discourses take place within a context that considers the non-transparency of the language and the subjects as symbolic beings, who are inscribed in a story to signify themselves.

**KEYWORDS:** Literacy; (Re) existence; Slam; Constitution; Formulation, Circulation.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS); Pós-doutoranda pela Universidade Vale do Rio Verde (UninCor). E-mail: [magnaleite30@gmail.com](mailto:magnaleite30@gmail.com). Lattes: [https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=45B202A90ADD02B9B1637748651B1285](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=45B202A90ADD02B9B1637748651B1285). Este artigo é derivado do projeto de pós-doutorado O processo de constituição, formulação e circulação de sentidos nas práticas de letramentos de (re)existência, supervisionado pela Profa. Dra. Cilene Pereira.

## Introdução

Em todas as épocas, os movimentos de (re)existência<sup>2</sup> tiveram suas forças postas em variadas formas de linguagem. Sendo assim, as práticas de letramentos nas mais diversificadas culturas e as discussões sobre suas particularidades nos fazem analisar como os discursos circulam a partir da relação que se estabelece entre o lugar e a posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política e econômica.

Trabalhos como os de Tfouni (2013) têm produzidos sentidos que consistem em ver o letramento dentro de uma concepção de práticas sociais que se interpenetram e se influenciam. Essas práticas podem transitar tanto dentro do campo da oralidade como da escrita, dentro ou fora da escola. No caso deste artigo, as práticas que se encontram fora da escola são as que mais nos interessam, principalmente porque consideramos não só o papel da memória (histórica e particular), mas também o da constituição dos sentidos na escrita e na oralidade. Dessa forma, nosso objetivo é, a partir de conceitos também advindos da análise de discurso de linha francesa, analisar, especialmente, a constituição, a formulação e a circulação dos chamados letramentos de (re)existência.

Sabemos que tais letramentos podem ser analisados em suas mais variadas materialidades, tais como cartazes, pichos, poemas, letras de música, grafite, dança etc. Neste artigo, no entanto, recortamos o *slam*<sup>3</sup> como objeto de análise a fim de observar como os efeitos de sentido e as discursividades circulam nessa materialidade. Tais situações, com as quais dialogamos, configuram-se, para nós, identidades sociais, bem como nos dizem muito sobre o contexto social, político, econômico e ideológico de cada época e lugar.

Posto isso, o objetivo deste artigo é analisar como se dá o processo de constituição, a formulação e a circulação dos chamados letramentos de (re)existência nas consideradas “poesias marginais”, cuja materialidade recebe o nome *slam*. Consequente, pretendemos secundariamente identificar como são significados os letramentos de (re)existência; observar como os efeitos de sentido e as discursividades estão postos nas materialidades

---

<sup>2</sup> Importante mencionar que o termo (re)existência é considerado neste estudo como uma fusão de existência e resistência. O que torna isso legítimo neste contexto é uso do sinal de pontuação parênteses, utilizado no prefixo “re”.

<sup>3</sup> Segundo Xavier (2019), “a palavra é uma onomatopeia utilizada no inglês pra representar algo como um bater de palmas, e é o nome dado as batalhas de poesia que se espalham Brasil (e mundo) adentro.”

analisadas e refletir sobre a conjuntura política, econômica e social a partir dos letramentos de (re)existência, representado aqui pelo *slam*.

Com o propósito de direcionar o leitor para o campo teórico selecionado, alguns conceitos são fundamentais para o desenvolvimento deste estudo, são eles: movimentos de (re)existência, letramento, práticas sociais, discurso e constituição, formulação e circulação de sentidos.

Para tanto, dividimos o artigo em quatro tópicos: 1. discussão sobre letramento e letramento de resistência, a partir do campo teórico que considera a língua em sua opacidade; 2. apresentação de alguns conceitos teórico tais como discurso, constituição, formulação e circulação de sentidos e que nos orientam para as análises e cujos fundamentos se pautam na análise de discurso, bem como outros que julgamos importante mencionar; 3. considerações sobre *slam*; 4. o movimento de análise.

## **1. Um cruzamento entre letramento e letramentos de (re)existência**

Para iniciarmos a discussão sobre letramento, *a priori* precisamos considerar um aspecto crucial nesta proposta: o caráter polissêmico da língua, assim como sua opacidade. Nesse sentido, não dizemos somente que iremos “interpretar” materialidades, concebemos que a língua é justamente o oposto do que se coloca como transparente, ela é opaca, passível de outras interpretações – aberta ao simbólico, e o sujeito é determinado ideologicamente, historicamente e descentrado. Dessa forma, parafraseando Orlandi (2008), não há relação direta ou transparente da linguagem com o mundo, o que há é uma relação que funciona como tal por causa do imaginário. É nessa conjuntura que a formulação e a circulação dos discursos acontecem e isso não é transparente porque formular é dar corpo aos sentidos, conforme assevera Orlandi, e essa formulação é feita por sujeitos, seres simbólicos, que estão inscritos em uma historicidade para se significarem.

O termo letramento surgiu como uma forma de ampliar a discussão acerca da alfabetização, uma vez que seu uso está, em alguns estudos, associado a “sinônimo de alfabetização, ou de técnicas relacionadas à escrita e seus usos, principalmente na escola” (TFOUNI, 2013, p. 24). Para nós, no entanto, letramento está ligado a uma concepção relacionada a práticas sociais.

Com este objetivo de discutir o termo letramento, muito se tem produzido sobre o assunto, por isso é necessário explicitarmos-nos quanto à posição na qual nos inscrevemos. No sentido associado à alfabetização, temos de observar em teorias como, por exemplo, a de Bortoni-Ricardo (2010), a seguinte concepção:

Ser letrado implica fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita no dia a dia. Para tornar-se letrado, é preciso envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, fazer uso dessas habilidades. Um indivíduo alfabetizado, que adquiriu, pois, a tecnologia de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita, não é necessariamente letrado (Soares, 2003). O indivíduo letrado deve não apenas aprender a ler e a escrever, mas também apropriar-se da escrita, usar socialmente a leitura e a escrita para responder às demandas sociais. (BORTONI-RICARDO, 2010, p. 52)

Nesta citação, observamos termos como “habilidades”, “codificar” e “decodificar”. Estes vocábulos traçam um contexto cujas práticas letradas, conforme Tfouni (2013), seriam sempre práticas de leitura/escrita de textos. Além disso, ainda segundo Tfouni (2013), letradas seriam, na perspectiva acima, somente aquelas pessoas que sabem ler e escrever, que foram alfabetizadas. E é justamente este nosso ponto de inscrição, de não considerar somente uma leitura que parte do convencional, mas sim do novo, do inusitado, do que não se considera.

Entendemos, dessa forma, que o “indivíduo alfabetizado”, citado por Bortoni-Ricardo (2010), é aquele sujeito que passou por uma estrutura formal para adquirir os conhecimentos da língua, no entanto, ao observarmos a sociedade, é preciso levar em consideração que este sujeito não nasce em uma instituição formal como a escola, antes dela, outras situações lhe foram postas para que chegasse à escrita; uma delas é a oralidade. E é justamente na/pela oralidade que o palco da “batalha” é materializado e faz circular as “poesias marginais” (*slam*) gritadas/cantadas/declamadas nas repartições públicas para inscreverem uma posição sujeito. Consequentemente, sendo ou não formalmente alfabetizados, não há impedimentos para que tais sujeitos dancem, participem de movimentos sociais, cantem, declamem, enfim, expressem, também pela arte, seu modo de ver a situação ao redor, de (re)existir.

Assim, partimos para outro conceito que vai permear este estudo, o de multiletramentos.

Este conceito foi proposto pelo Grupo de teóricos, sobretudo da Linguística e da Educação, de Nova Londres – embora estes estudiosos tenham vindo de três países:

Estados Unidos, Grã-Bretanha e Austrália – cujo objetivo era debater os problemas do sistema de ensino anglo-saxão. A pergunta que movia o grupo já em 1996 era a seguinte: “O que é apropriado para todos (os alunos) no contexto de fatores de diversidade local e conectividades global cada vez mais críticos?” (Grupo de Nova Londres, 2006, p.10). Dessa forma, com base nesse questionamento, esses autores incorporaram no conceito de multiletramentos duas multiplicidades (ROJO; BARBOSA, 2015, p.)<sup>4</sup>: a de linguagens e mídias e a multiplicidade e diversidade cultural local, características das populações atuais contraface da globalização.

A nós interessa mais a segunda multiplicidade. Isso porque, se tomarmos como base o pensamento bakhtiniano de que a palavra é ideológica por natureza e que nenhum significado é fixo, a pedagogia dos multiletramentos destaca o “reconhecimento da diversidade étnica, linguística, identitária e cultural, assim como das múltiplas maneiras de se (re)construir sentidos pelas igualmente diversas formas e meios de comunicação” (ROCHA, 2010, p. 67), e isso refuta qualquer tipo de relação autoritária e monolítica, daí a incorporação dos movimentos de (re)existência.

O jogo de poder que permeia a sociedade desde sempre nos faz considerar que há entre o poder e os sujeitos uma relação de forças em que o sujeito nem sempre aceita a regulação passivamente e, por consequência, desencadeia gestos de resistência que nos permitem analisar como os sujeitos estão inscritos na história, como constituem, formulam e fazem circular esses gestos a fim de se ressignificarem.

## **2. A AD e os processos de constituição, formulação e circulação de sentidos**

Para Foucault (1995) a resistência surge como uma forma de não passividade em relação ao poder. Para o autor, o poder não é algo da ordem da hierarquia de um em relação aos demais, ou algo tomado como dominação. Para ele, o poder é fruto de uma tensão exercida entre sujeitos. Consequentemente, nas relações de poder, ao mesmo tempo em que há uma imposição, há uma reação contrária, em outras palavras, há resistência. No caso deste artigo, nosso objetivo é observar as várias formas de

---

<sup>4</sup> Este parágrafo é uma adaptação de um texto feito por ROJO, R.; BARBOSA, J. P. In: *Multiletramentos e currículo no ensino integral: anos iniciais do Ensino Fundamental*.

(re)existência que circulam através da arte em suas variadas formas de expressão, porém, nosso recorte se dá em uma delas, o *slam*, que se configura como corpus deste artigo.

Entendemos que não somente o *slam*, mas todas estas expressões são formas de letramento, este visto sob a concepção relacionada a práticas sociais. Para Tfouni,

A questão não se resume mais ao domínio de técnicas, habilidades, nem capacidades de uso da leitura e escrita; ela é muito mais ampla, pois nos lança o desafio de termos de descrever em que consiste o letramento dentro de uma concepção de práticas sociais que se interpenetram e se influenciam, sejam essas práticas orais ou escritas, circulem elas dentro ou fora da escola. É preciso considerar, ainda, o papel da memória (histórica e particular), além da história da constituição dos sentidos na escrita e na oralidade. (TFOUNI, 2013, p. 28)

Ressaltamos que consideramos arte neste artigo as mais variadas formas sociais de expressão, ou seja, cartazes, dança, pichos, poemas, letras de música, grafite etc. Levamos em consideração, sob esse olhar do letramento como prática social, aquele sujeito que domina a escrita, seja dentro de um aspecto mais formal ou informal. Em outras palavras, por ser um sujeito letrado, tem condições de colocar sua forma de (re)existir em circulação, mesmo que não domine academicamente as letras.

Tomar a questão da autoria como critério para exame do letramento enquanto processo sócio-histórico implica também o compromisso de mostrar que o discurso oral do analfabeto pode estar perpassado por características do discurso escrito, ou seja: que a função autor não é prerrogativa possível apenas para aqueles que aprendem a ler e escrever, mas, antes, é uma função ligada a um tipo de discurso – isto é, o discurso letrado – que, por ser social e historicamente constituído (como aliás, todos os discursos o são), pode ser também acessível àqueles que não dominam o código escrito. (TFOUNI, 2013, p. 45)

Para pensar esse sujeito com o qual nos relacionamos, nosso referencial teórico procura embasamento na análise de discurso, disciplina de entremeio, ela vai considerar que toda e qualquer formulação é produzida por sujeitos, seres simbólicos, inscritos na história para significarem-se. Para Orlandi (2008), formular é o mesmo que dar corpo aos sentidos. Dessa maneira, o homem, que é um ser simbólico, ao constituir-se sujeito pela linguagem, inscreve-se na história para se significar. Assim, sujeito e sentido constituem-se ao mesmo tempo. Vale ressaltar, ainda que nesse movimento de constituição, nem sujeito, nem língua são transparentes, pois, para a autora, ambos

São atravessados de discursividade, isto é, de efeitos desse confronto, em processos de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. Não há corpo que não esteja investido de sentidos e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos de

subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos. Dessa forma é que pensamos que o corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente. (ORLANDI, 2008, p. 09)

Entender que a linguagem não é transparente é parte fundamental para desenvolver qualquer estudo em AD, pois isso nos possibilita ver o modo como a interpretação está em jogo na produção de sentidos, levando-se em conta que lidar com a interpretação requer considerar a opacidade do texto e explicitar como um objeto simbólico produz sentidos (ORLANDI, 1996). Quando dizemos texto, ampliamos a discussão para arte, no sentido de como ela se apresenta neste estudo, o *slam*.

Ao buscar compreender o funcionamento da linguagem e sua exterioridade, consideramos a relação entre os sujeitos e as variadas formas de (re)existência para assim analisarmos o discurso que funciona a partir da textualidade, pois

O discurso não é então redutível ao enunciado longo (seguido) nem ao texto. O fechamento estrutural do texto está em relação com um exterior. A historicidade, para nós, é justamente o acontecimento do texto enquanto discurso, o trabalho dos sentidos nele. Daí definirmos discurso como efeito de sentidos entre locutores. Essa exterioridade da qual falamos não tem a objetividade empírica do “fora” da linguagem. Ela é tomada tal como intervém na textualidade. É exterioridade discursiva (e não empírica). (ORLANDI, 1996, p. 31)

Isso significa que a exterioridade intervém na textualidade, ou seja, é da exterioridade discursiva e não empírica de que se fala. Segundo a teoria pecheutiana, a exterioridade é o interdiscurso, o já-dito, algo que fala antes, em outro lugar e independentemente, a memória do dizer. Nas palavras de Pêcheux (1988), trata-se da “objetividade material essa que reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas.” (PÊCHEUX, 1988, p. 162)

Desse modo, temos o seguinte movimento: a compreensão do funcionamento da língua com sua exterioridade considera a relação entre os sujeitos e a exterioridade intervém na textualidade e essa textualidade aponta para a formulação.

Logo, consideramos que a compreensão das condições e das relações da língua e do sentido para a Análise do Discurso está fortemente relacionada às condições de produção e relações do sujeito. Dito de outra forma, considera-se que a Análise de Discurso se baseia em um tripé, a saber: sujeito, língua, sentido. Essa combinação produz

efeitos de forma simbólica na história, nos movimentos sociais, nas práticas sociais. Pensar esse tripé é algo importante, uma vez que o percurso dos movimentos de (re)existência) precisa levar em consideração os processos de constituição, formulação e circulação de sentidos em uma conjuntura que envolve sujeitos, língua, condições de produção e discurso. O que pode ser reconhecido como uma proposta para se repensar o cenário social, político, econômico através da arte.

Por fim, mas não menos importante, consideramos os três processos de produção da linguagem: constituição, formulação e circulação dos sentidos. Conforme Orlandi (2000, p. 151) “os sentidos são como se constituem, como se formulam e circulam”.

A partir destes três processos, consideramos que a constituição dos sentidos se dá “a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo”, a formulação ocorre “em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas” (ORLANDI, 2000, p. 09). Já a circulação tem a ver com percursos dos dizeres que se dão em certas conjunturas, esta circulação, por sua vez, perpassa por “meios” em que não há neutralidade.

No caso em análise, o meio de circulação se dá pela arte, mais especificamente na poesia marginal, materializada na forma de *slam*, posta nas praças públicas, nas estações de metrô, enfim, no lugar do povo.

### **3. Os movimentos de (re)existência na poesia marginal *slam***

A primeira questão a se considerar, ao trazer o conceito *slam* para este artigo, é que ele é posto por nós como texto literário. Ousamos observá-lo a partir dessa perspectiva, tomando como base os postulados de Candido (1995), para o qual, o termo literatura é tomado em seu sentido mais amplo possível, sendo assim, toda criação poética, ficcional ou dramática em todos os níveis da sociedade e em todos os tipos de cultura. Para Candido (1995), não há povo ou homem<sup>5</sup> que possa viver sem literatura ou, em outras palavras, sem contato com alguma espécie de fabulação.

Nas palavras do autor:

---

<sup>5</sup> Consideramos povo, neste contexto, toda forma de sociedade composta por uma formação discursiva dominante, reproduzindo um discurso aparentemente legitimado. E homem, todo sujeito interpelado e determinado ideologicamente, historicamente e descentrado, ser simbólico, inscrito em uma história para significar-se.

Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os níveis de modalidades, está presente em cada um de nós, **analfabeto ou erudito**, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. (CANDIDO, 1995, p.176, grifos nossos)

Complementamos esse conjunto de modalidades mencionado por Candido (1995) – anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco – com o gênero *slam*, um fenômeno poético, essencialmente oral e que circula muito além dos muros da escola. Um movimento que nos faz observar como sujeitos alfabetizados/letrados ou não colocam em movimento o que chamamos letramentos de (re)existência).

Em 2017, Neves trouxe uma matéria no Jornal da USP cujo título define dizia o seguinte: “‘Slam’ é voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos”. Na sequência, o “olho” da matéria mencionava assim: “Poesia falada criada nos anos 1980, em Chicago, chegou ao Brasil e reivindica cultura jovem, popular e negra.”

Cabe, a partir deste título, uma análise sobre o deslocamento do “marginal” para o “poético”, como se para ser aceitável, o marginal precisasse passar pelo poético. A “batalha das letras”, como também é chamada a poesia *slam*, busca dar voz à periferia, aos grupos marginalizados e parte justamente de poetas que estão inseridos neste meio. Ou seja, é a voz marginal chamando para o batimento, para o confronto, levando à tona temas que escancaram os problemas sociais e emancipam os movimentos de (re)existência. É uma poesia que tem como foco o povo e não a elite.

Neves (2017), professora da Universidade Estadual de Campinas, explica, ainda, que o *slam* é um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico. Acrescentamos que, de todos os conceitos, o que mais se sobressai para nós é que este movimento, além de ser um fenômeno mundial é, fundamentalmente um movimento de (re)existência). Nessa poesia oral são abordados criticamente temas como racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, que requerem a escuta, a reflexão e a politização do seu público-ouvinte.

A professora explica que durante o ano, de fevereiro a novembro, os campeonatos poéticos passam por etapas. Eles são compostos de três rodadas, com cinco jurados

selecionados da plateia, o vencedor recebe como prêmio livros e participa do Campeonato Brasileiro de *Slam* (*Slam Br*). O poeta vencedor de todas as etapas compete na Copa do Mundo de *Slam*, realizada todo ano em dezembro, na França.

Dentre as regras da “batalha” estão as seguintes, de acordo com Xavier (2019): as poesias devem ser autorais (decoradas ou lidas na hora) e compostas de até três minutos; é proibido utilizar figurino, cenário ou instrumento musical; e os cinco jurados devem ser escolhidos, aleatoriamente, na plateia e estes serão os responsáveis por dar notas de zero a dez. O ganhador da competição será aquele que obtiver a maior nota.

Aqui no Brasil, estes campeonatos foram introduzidos por Roberta Estrela D’Alva, a *slammer* (poetisa) brasileira mais conhecida pela mídia e que conquistou o terceiro lugar na Copa do Mundo de Poesia *Slam* 2011, em Paris. Além dela, outro nome expressivo é Emerson Alcalde, *slammer* desde 2008, fundador do *Slam* da Guilhermina, em 2012, o segundo *slam* do Brasil, na Zona Leste de São Paulo.

E foi ali, no meio da praça que surgiu o *slam* o qual iremos analisar a seguir.

#### **4. O movimento de análise**

Com o título “Poesia Marginal”, o texto em análise é da poeta *slammer* Tawane Theodoro, negra, de Capão Redondo (considerado um dos bairros mais violentos de SP e berço do *Rap*), uma das organizadoras do Sarau do Capão e campeã do *Slam* SP 2018.<sup>6</sup>

Apoiando nos efeitos de discurso didático, retomamos sempre que julgamos necessário, os conceitos de constituição, formulação e circulação de sentidos. Conforme já mencionado, para nós, os sentidos se constituem, a partir destes três processos.

O processo de constituição é dado pelo interdiscurso (o não dito), e faz menção à memória discursiva que, nas palavras de Indursky,

É onde o enunciado, proveniente na estrutura interdiscursiva, pelo viés da repetição, é inscrito na estrutura do discurso do sujeito, no intradiscurso. E nesse ponto de encontro entre uma memória (o interdiscurso) com uma atualidade (o intradiscurso) instaura-se o efeito de memória: os sentidos são rememorados, atualizados, re-significados. (INDURSKY, 2003, p. 103, itálico da autora)

---

<sup>6</sup> Justificamos que, devido ao espaço e tamanho limitados deste artigo, optamos por não apresentar toda a poesia no corpo do texto, porém ressaltamos que o texto completo está disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/tawane-theodoro/poesia-marginal/> Acesso em: 09 de outubro de 2020.

Para considerar os sentidos rememorados, não no sentido de lembrança, mas de memória discursiva, na/pela poesia marginal a de se considerar quem é o sujeito que fala e de que lugar ele fala. Além disso, observamos o processo de formulação, que é eixo do intradiscurso (o dito), o que foi falado em determinado momento. Isso também tem a ver com esquecimento, pois imaginamos que só podemos falar/escrever/produzir determinados dizeres de determinada maneira (formulação).

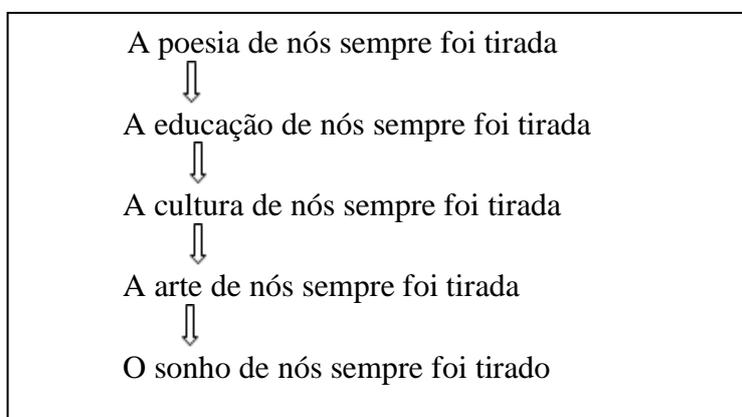
Conseqüentemente, quando analisamos o dizer em si, analisamos os sentidos que essa formulação produz, isso tem a ver com condições de produção. Dito de outra forma: em quais condições de produção os dizeres (discursos) foram produzidos para que tenham sido formulados daquela maneira e não de outra?

Observemos os recortes da poesia, este a seguir é também é a primeira estrofe do texto:

A poesia de nós sempre foi tirada  
Ou melhor, mal era apresentada  
E quando era sempre daquela forma eurocentrada  
Não tinha como a gente se sentir representada  
Era necessário  
Muitas vezes até um dicionário pra gente entender  
Não mostrava o nosso lado quebrada de viver (THEODORO, 2018).

O uso do pronome pessoal do caso reto, representado pela 1ª pessoa do plural (nós), aponta para um efeito de sentido que joga com a representatividade: eu não falo sozinha, eu falo por “nós”, ou seja, há, nesse sentido, possíveis pessoas ou grupo(s) social(is) a que esse pronome remete. Quem representa esse “nós”? O sujeito que não teve acesso à poesia, ou melhor, teve acesso, mas não conheceu a verdadeira poesia, pois não a entedia, era necessário um dicionário para, a partir de uma metalinguagem, se pudesse entender algo. Logo, há um reverberamento de um discurso que aponta para as falhas na educação, pois, essa “apresentação” não partiu da realidade desse sujeito e sim de uma educação elitizada/eurocentrada. O termo “eurocentrada” é um neologismo e remete ao discurso capitalista que dividiu o mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos e mais tarde em países no Norte/ricos (europeus, inclusive) e países do Sul/pobre (Brasil). Além disso, há uma repetição de um discurso que circulou no Brasil na década de 1980. Nessa época, o dito era de que o processo educacional deveria considerar a realidade do aluno.

Com base em estudos de renomados autores com Jean Piaget, a ideia era observar a individualidade dos alunos, compreender o fato de que nem todos assimilavam os conteúdos ao mesmo tempo e da mesma maneira. Houve, nessa época, uma tentativa de priorizar uma educação que representasse o aluno em suas necessidades, que partisse da sua realidade para que, futuramente fosse apresentado a ele o mundo mais sofisticado, acadêmico, das/nas letras. Foi uma tentativa honrosa, por vezes mal interpretada, mas que também não abriu espaço para a poesia “marginal”, aquela que cantava/declamava o lado pobre, difícil, subdesenvolvido, marginalizado de se viver. Logo, a “voz da periferia” foi novamente calada. Observemos os deslizamentos:



Dessa forma, estamos diante de uma escola/educação/sociedade que

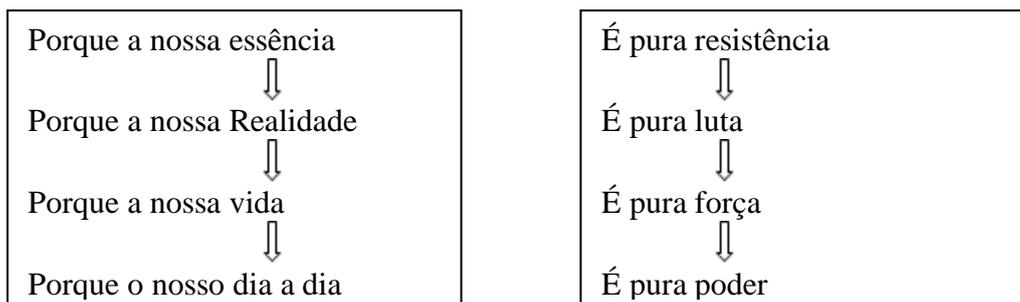
Não mostrava o nosso lado quebrada de viver  
Não considerava  
Não valorizava  
Não permitia (THEODORO, 2018).

A memória do dizer produz efeitos de escravidão. A senzala, o negro, o escravizado, o marginalizado que permanece sem voz, sem vez, sem opinião, com sua cultura subjugada, oprimida, sufocada. O que pode ser retomado na seguinte estrofe:

O opressor gela ao ver o oprimido se levantando  
Nossas lutas viram combustível e nós sai recitando  
Atirando poesia!  
Falando da nossa realidade  
Isso sim é sinônimo de felicidade  
Porque a nossa essência  
É pura resistência (THEODORO, 2018).

O termo resistência aponta para o que discutimos anteriormente, a voz que fala nesse *slam* é a do oprimido, daquele que finalmente encontrou na poesia a forma de

resistir. O discurso escravagista retoma aqui a partir de alguns efeitos de sentido. Não se luta mais para uma liberdade física, mas por uma ideológica, por uma que dê voz a quem nunca pode falar. Não se atiram mais pedras, o que se oferece é poesia, a poesia que conta sobre as lutas, que liberta, que traz felicidade, que fala da realidade, que resiste. Observemos os deslizamentos:



O verbete marginal reverbera diferentes sentidos, além do estar à margem. Fazer poesia marginal é falar da própria vivência, é apresentar para o mundo como se vive na periferia, o que pensa, faz o grupo social que aí mora. E quando se conta isso é que se é feliz e ao mesmo tempo que se mostra a essência desse “nós”, ou seja, para se constituir sujeito, é preciso estar sujeito a, neste caso à eterna resistência.

Há um efeito de evidência de um discurso oprimido/opressor, uma formação discursiva capitalista que há tempos é imposta no Brasil e no mundo. Há, nesse sentido, uma realidade que tem como pano de fundo a segregação de classes, a distribuição de pessoas em grupos sociais, que amplia e aprofunda cada vez mais a desigualdade social. Porém, é pela memória do dizer que essa repetição se atualiza. Os dizeres são atuais, mas como o sujeito é interpelado pela formação discursiva, ele esquece ideologicamente que já foi dito, porém, ao dizer, reverbera alguma memória discursiva.

O funcionamento discursivo da poesia marginal se reveste de um discurso do lado oprimido da sociedade, do lado a quem sempre se negou algo. O lado que sofre o preconceito social e que quando produz algo, isso é feito às margens.

Tanto que ao analisarmos o processo de circulação desses discursos, encontramos espaços como a estação da Guilhermina em São Paulo. Um local público, de fácil acesso, na saída de uma estação de metrô. Ou seja, para que determinado discurso produza sentido, ele está sendo materializado a partir de algum espaço material, que, no caso, é a

rua, a praça, o lugar público, acessível a qualquer um que queira se chegar, não é necessário ter dinheiro para isso, não é necessário pagar ingresso para participar do espetáculo. Ali, nesse espaço suburbano, não se elege quem pode ou não entrar, é um espaço aberto, livre, sugestivo. É nessa materialidade discursiva que circula o *slam*, uma poesia posta em forma de “batalha”, de (re)existência, um intradiscorso que, a partir das condições de produção, traz à tona “nossa realidade”, “nossa essência”, “nosso lado quebrada de viver”. Isso é exatamente o oposto dos teatros, museus, centros, enfim, dos espaços culturais que por si só são limítrofes. Dessa forma, fazer poesia na rua diz algo diferente sobre o fazer poesia na escola. A poesia na rua traz como efeito de evidência a voz do opressor, a poesia na escola, a voz da elite, da sociedade “eurocentrada”, daquela que oprime.

Portanto, o sujeito *Slammer*, assim como qualquer sujeito, se constitui em suas relações, conseqüentemente, esses sujeitos se constituem na relação com a memória discursiva que vai se formando ao longo da história, em outras palavras, com a historicidade que significa os dizeres. Posto o isso, o resultado é uma materialidade, que remete aos discursos de (re)existência, de luta, de vontade ser representado, de ter voz onde nunca se foi ouvido.

### **Considerações finais**

Esse artigo teve como objetivo principal observar como as práticas de letramentos fazem os discursos marcarem o lugar (periferia) e a posição (marginalizados) que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política, econômica e social. Tentamos, analisar, especialmente, a constituição, a formulação e a circulação dos chamados letramentos de (re)existência e observar como os efeitos de sentido e as discursividades foram postos na materialidade *slam*. Para isso, nos apropriamos do campo teórico da AD a fim de entender como o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo.

Escrever e inscrever-se nesse artigo foi uma forma de mostrar como o letramento pode estar inserido muito além dos muros que circundam o espaço escolar, visto por muitos como um lugar elitizado ou mal representado.

As “batalhas” poéticas que circulam em espaços públicos, produzidas por sujeitos cuja origem é periférica, em sua grande essência negra, pobre, margeada pela violência

são uma forma de apontar para as interações que se dão por meio da/na linguagem. Por ela, os sujeitos se descobrem, se representam, se resignificam, (re)existem e se fazem ouvidos. É um movimento que reinventa os letramentos, que escancara a realidade social, que reverbera discursos ditos como nunca ditos. Participar desse processo de constituição, formulação e circulação de sentidos implica assumir um lado, colocar em batimento suas singularidade e identidades, suas marcas, seus desejos, é forma de dar voz àquilo que ideologicamente e socialmente sempre foi calado, mas que pela sua própria essência (re)existe.

Souza (2011), em seu trabalho belíssimo sobre letramentos de reexistência, tomando como base de pesquisa o *hip-hop*, buscou, entre outros objetivos, observar como determinados grupos sociais faziam o movimento de reelaboração da cultura letrada escolarizada. Nosso trabalho aqui não foi diferente. Partindo da materialidade *slam*, foi possível observar não somente essa reelaboração, mas o redizer, o rememorar, o trazer à tona o não dito a partir do dito. A poesia marginal é uma batalha que resiste não somente à exclusão social, mas ao modelo de letramento excludente, às formas já legitimadas de educação. O *slam* é uma forma de dizer o já dito em algum momento da história, o que já foi muitas vezes silenciado, mas que se reergue, afinal “O opressor gela ao ver o oprimido se levantando/Nossas lutas viram combustível e nós sai recitando/Atirando poesia!/ É a voz da periferia.” (THEODORO, 2018).

## REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Formação do professor como agente letrador*. Contexto. São Paulo, 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Ed.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução V. P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- GARCÍA-CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- GRUPO DE NOVA LONDRES. A pedagogy of multiliteracies – Designing social futures. In COPE, B; KALANTZIS, M. (Eds.) *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London/NY: Routledge, 2006 [2000/1996]. P. 9-37.
- INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, v. 17, n. 35, 2003. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/30020>. Acesso em: 24 de outubro 2017.

- NEVES, Cynthia Agra de Brito. “Slam” é voz de identidade e resistência dos poetas contemporâneos. *Jornal da USP*, 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/slam-e-voz-de-identidade-e-resistencia-dos-poetas-contemporaneos/> Acesso em 26 de outubro de 2020
- ORLANDI, Eni. P. Exterioridade e Ideologia. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, (30): 27-33, Jan./Jun. 1996. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1683/4228>. Acesso em: 15 de julho 2017.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto*. Campinas, Pontes Editora, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 5 ed. Campinas: Cortez Editora, 2000.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Pontes, 1988.
- ROJO, R.; BARBOSA, J. P. In: *Multiletramentos e currículo no ensino integral: anos iniciais do Ensino Fundamental*. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2015. (Circulação restrita.). Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-coluna-detalle/1044/sobre-novos-e-multiletramentos-culturas-digitais-e-tecnologias-na-escola.html> Acesso em: 04 de agosto de 2019.
- ROCHA, Cláudia H. *Propostas para o inglês no ensino fundamental I público: plurilinguismo, transculturalidade e multiletramentos*. Campinas. 2010. 243f. Tese. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- TFOUNI, Leda Verdiani. A abordagem histórica do letramento: ecos da memória na atualidade. *Revista SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 23-48, 1º sem. 2013.
- THEODORO, Tawane. *Poesia Marginal*, 2018. Disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/tawane-theodoro/poesia-marginal/> Acesso em: 09 de outubro de 2020.
- XAVIER, Igor Gomes. *O que é Slam? Poesia, educação e protesto*. 2019. Artigo on-line. Disponível em: <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/> Acesso em 30 de outubro de 2020.

**Artigo recebido em agosto de 2020.**  
**Artigo aceito em novembro de 2020.**